

Brasil é apenas 130º em ranking que analisa igualdade salarial entre homens e mulheres com trabalho semelhante

Dados integram o relatório do Fórum Econômico Mundial divulgado nesta terça-feira e que analisa a desigualdade de gênero em 153 países.

(G1, 17/12/2019 - acesse no site de origem)

Numa classificação de 153 países, o Brasil ocupa apenas no 130º lugar no quesito que analisa a igualdade salarial entre homens e mulheres que desempenham trabalho semelhante.

Os dados integram o relatório do Fórum Econômico Mundial (WEF, na sigla em inglês) divulgado nesta terça-feira (17) e que analisa a desigualdade de gênero.

O estudo mostrou ainda que o Brasil tem apenas 20% das empresas com mulheres em cargos elevados de gestão. A baixa presença feminina ocorre mesmo com boa parte da força de trabalho brasileira composta por mulheres - elas somam 45,09 milhões, enquanto os homens são 55,08 milhões.

No relatório do WEF, o Brasil apareceu na 92ª posição no ranking global que analisa a desigualdade de gênero. Pelo levantamento, o [país precisa de mais de 59 anos](#) para ter igualdade entre homens e mulheres.

Entre os países da América Latina e do Caribe, o Brasil ficou na 22ª colocação entre 25 países.

Desempenho dos países da América Latina e do Caribe

País	Ranking global
Nicarágua	5
Costa Rica	13
Colômbia	22
Trinidad e Tobago	24
México	25
Barbados	28
Argentina	30
Cuba	31
Uruguai	37
Jamaica	41
Bolívia	42
Panamá	46
Equador	48
Chile	57
Honduras	58
Bahamas	61
Peru	66
Venezuela	67
Suriname	77
El Salvador	80
República Dominicana	86
Brasil	92
Paraguai	100
Belize	110
Guatemala	113

Fonte: WEF

Na análise detalhada por quesitos, o Brasil tem o melhor desempenho em saúde - ocupa a primeira colocação no ranking -, e o pior resultado em empoderamento político - o país está no 104º lugar.

Nos demais itens analisados, o país está na 35ª colocação quando se analisa a disparidade de nível educacional e ocupa a 89ª posição em participação econômica.

Série mostrou desafios das mulheres

Em julho, o **G1** publicou [uma série de entrevistas com mulheres](#) que alcançaram cargos de liderança. Em um dos capítulos, a diretora do Banco Central Carolina de Assis Barros disse a mulher que chega à chefia tem o papel de estender a mão para outras. Veja a entrevista [aqui](#).

Desempenho mundial

A WEF alertou que a desigualdade de gênero no local de trabalho aumentou este ano e, nesse ritmo, serão necessários 257 anos para alcançar a paridade. No relatório do ano passado, eram necessários 202 anos.

Mulheres estudam mais no Brasil, mas têm renda 41,5% menor que homens, diz ONU

Renda Nacional Bruta per capita da mulher foi de US\$ 10.432 em 2018, contra US\$ 17.827 do homem. País caiu uma posição no IDH e foi para 79º lugar no ranking com 166 países.

[\(G1, 09/12/2019 - acesse no site de origem\)](#)

O Índice de Desenvolvimento de Gênero (IDG), divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) nesta segunda-feira (9), aponta que as mulheres no Brasil estudam mais, porém possuem renda 41,5% menor que os homens.

O IDG aponta os mesmos indicadores do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — de saúde, educação e renda — em 166 países, mas com separação por sexo. O IDH do Pnud também foi divulgado nesta segunda e coloca o Brasil na 79ª posição, com 0,761. Medido anualmente, o IDH vai de 0 a 1 - quanto maior, mais desenvolvido o país.

O IDH para mulheres mostrou que as brasileiras estão em melhores condições de saúde e educação que os homens, mas ficam abaixo quando o assunto é renda bruta.

No Brasil, as mulheres têm mais anos esperados de escolaridade (15,8 frente a 15 dos homens)

e maior média de anos de estudo (8,1 anos contra 7,6 dos homens). A Renda Nacional Bruta (RNB) per capita, medida anualmente, da mulher, no entanto, equivale a US\$ 10.432 contra US\$ 17.827 do homem, com base em números de 2018.

Pelo levantamento, o IDH dos homens foi de 0,761 e o das mulheres de 0,757, o que gera um IDG, que mede a desigualdade entre os gêneros, de 0,995. O valor é menor que o de países como Uruguai (1,016), Rússia (1,015) e Venezuela (1,013), e maior que o de Argentina (0,988), Colômbia (0,986) e África do Sul (0,984).

O IDG também indicou, no Brasil, maior esperança de vida ao nascer para mulheres, de 79,4 anos de idade, contra os 72 anos previstos para o homem.

Poucas mulheres no Parlamento

O Relatório de Desenvolvimento Humano indica, ainda, o chamado Índice de Desigualdade de Gênero (GII, da sigla em inglês), que aponta as desigualdades em três dimensões: saúde reprodutiva, empoderamento e atividade econômica. Por este índice, que quanto mais perto de 0, melhor, o Brasil fica na 89ª posição entre 162 países, com 0,386.

O levantamento mede a saúde reprodutiva pela mortalidade materna e pelas taxas de natalidade na adolescência. O empoderamento é medido pela parcela de assentos no parlamento ocupada por mulheres e pelo ensino médio e superior completos por cada gênero. Já a atividade econômica é medida pela taxa de participação no mercado de trabalho por mulheres e homens.

Neste quesito, chama a atenção a baixa participação de mulheres no Parlamento. Segundo o levantamento, esse valor foi de 15% em 2018. O índice é menor até que o da Nigéria, país com menor IDH do mundo, onde as mulheres ocupam 17% dos assentos no Parlamento.

Desigualdade de gênero

Pnud 2019 mostra que mulheres estudam mais, mas recebem menos; compare



Mulher

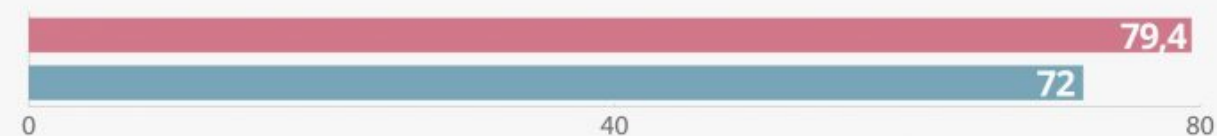


Homem

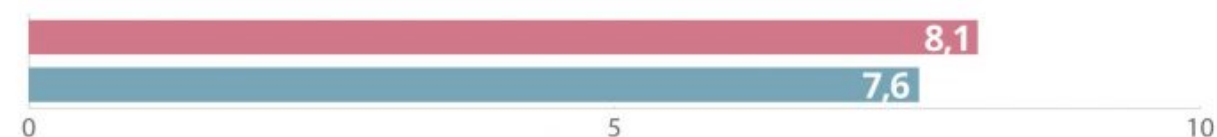
IDH



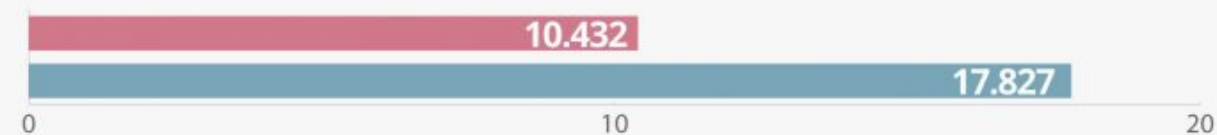
Esperança de vida ao nascer



Média de anos de estudo



Renda nacional bruta per capita (US\$/ano)



Fonte: Pnud 2019/ONU



Infográfico elaborado em: 09/12/2019

Apenas 13% das empresas brasileiras têm CEOs mulheres

Pesquisa realizada pelo Insper com a Talenses mostra que mulheres somam 26% das posições de diretoria, 23% de vice-presidentes e 16% dos cargos de conselhos

(Valor Econômico, 15/10/2019 - acesse no site de origem)

A probabilidade de uma mulher ser presidente de uma empresa brasileira atualmente é 50% menor do que ser diretora ou 60% menor do que ocupar um cargo na vice-presidência. A terceira edição da pesquisa Panorama Mulher, realizado pelo Insper em parceria com a Talenses e divulgada nesta terça-feira, mostra que as mulheres ocupam, em média, 19% dos cargos de liderança nas empresas brasileiras.

Elas somam 26% das posições de diretoria, 23% de vice-presidência e 16% nos conselhos. O número, porém, atinge seu patamar mais baixo quando a análise alcança a presidência: apenas 13% das empresas brasileiras possuem CEOs mulheres. “A pesquisa mostra de maneira bastante clara que a barreira para ascensão das mulheres está no cargo da presidência”, diz Fernando Ribeiro Leite Neto, coordenador técnico da pesquisa e docente-pesquisador do Insper.

A amostra deste ano abrangeu 532 empresas com sede no Brasil, América do Norte e na Europa, sendo mais da metade do setor de serviços. Setenta e um por cento delas têm capital fechado, mais da metade delas (51%) possui gestão familiar e 84% possuem mais de 50 funcionários. De forma geral, a pesquisa indica a maior propensão para empresas de capital fechado, com administração familiar e menor número de funcionários apresentarem políticas mais equitativas de gênero e, assim, maior proporção de mulheres CEOs.

Quando elas chegam lá, independentemente do setor, tamanho ou forma de gestão, a chance de promoverem maior equidade de gênero na liderança é maior. No momento em que o comando é feminino, segundo a pesquisa, aumenta-se em quatro vezes a possibilidade de ter mulheres no conselho e em 2,5 vezes de tê-las como VPs ou diretoras.

Mulheres VPs

Áreas corporativas	% de VPs mulheres
TI e Digital	4%
Jurídico	9%
Marketing	10%
Operações	11%
Recursos Humanos	12%
Financeira	13%
Outros	13%
Vendas	29%

Fonte: Pesquisa Panorama Mulher

Um novo recorte da pesquisa indica porém que apenas 4% das vice-presidentes estão nas áreas de tecnologia. “VPs mulheres ainda estão tradicionalmente concentradas nas áreas de vendas, recursos humanos e marketing. Mesmo sabendo que existem mulheres líderes na engenharia, por exemplo, não vemos ainda esse número refletido na pesquisa”, diz Rodrigo Vianna, managing partner da Talenses.

Na comparação com a segunda edição da pesquisa, realizada em 2018, o número de mulheres na presidência caiu de 15% para 13%. “Estamos em um momento de transição dessa liderança. Parece que houve uma desacelerada, mas os dados do estudo em vários aspectos, mostram que estamos no caminho para alcançar os 30%”, diz Neto, do Insper. Esse é o número considerado pela OIT (Organização Internacional do Trabalho) para que os benefícios da diversidade de gênero comecem a ficar visíveis na organização.

O desafio que permanece em relação aos anos anteriores é o da diversidade racial. Dentre as 415 empresas que afirmaram possuir uma cadeira de presidente, 95% delas têm presidentes homens ou mulheres brancas. “Infelizmente, não vimos avanço na questão de mulheres negras em cargos de presidente em comparação aos anos anteriores”, diz Vianna. Nas empresas com mulheres presidentes, não há nenhuma mulher negra VP ou no conselho e apenas 1% delas ocupam o nível de diretoria.

Por Barbara Bigarelli